

O CONTO MACHADIANO “A CAUSA SECRETA” : A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FORTUNATO

Orientanda: Josiane S. LEÃO¹.

Orientadora: Prof. MSc. Juliana H. Moreno RUTIGLIANO².

RESUMO

O presente trabalho visa à análise da intrigante personagem Fortunato do conto “A causa secreta” de Machado de Assis. Procedeu-se a essa escolha por tratar-se de ser ficcional construído com apuro quanto à escolha lexical e, de modo preciso, quanto ao aspecto do mistério que desperta no leitor, além de representar, na galeria das personagens machadianas, construção artística de temperamento excêntrico, diferente, sobretudo por mostrar comportamento estranho. Como referencial teórico, utilizaremos o livro *A Personagem* de Beth Brait em que se encontra suporte para a observação e análise de construção de personagens, como também no que diz respeito à classificação delas.

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; conto; A Causa Secreta; Fortunato.

Introdução

Os acontecimentos históricos do século XIX deixaram grandes marcas na literatura produzida a partir da segunda metade desse século. Até então, as obras eram concebidas sob a égide do ideal romântico, cujas características envolviam a idealização

¹Graduanda em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré/SP-Brasil – 2018. Jleao79@hotmail.com

²Mestre em Literatura (UNESP).Docente. – FIRA - - Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18705-470 –Avaré/SP-Brasil – 2018. julianahmr@hotmail.com

dos heróis, o sentimentalismo, o subjetivismo, a fuga à realidade, além da construção de narrativas de cunho moralizante.

A segunda revolução industrial, o crescimento dos centros urbanos, os avanços na criação de novos meios de transporte, de máquinas e de fábricas, além do surgimento de importantes pesquisas científicas e sociais, mudam consideravelmente o mundo europeu. Esses fatores necessitam de uma nova estética literária para traduzir essas transformações.

Surge, assim, o Realismo, que tem sua origem na França, com a publicação do romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. Essa obra, publicada em 1857, tem por objetivo expor as mazelas sociais, hostilizando o Romantismo, ao mostrar como mulheres suscetíveis ao sentimentalismo e ao idealismo, podem ter final trágico, conforme evidencia esse romance com o suicídio da protagonista, Emma Bovary.

A burguesia, classe enaltecida pelos românticos, passa a ser criticada pelos realistas pela superficialidade das ações e, sobretudo, pela submissão e vida de miséria a que expõe a classe proletária. É nesse período que surgem teorias socialistas e comunistas com o objetivo de mostrar uma nova organização social, valorizando a força de trabalho.

A sociedade europeia da segunda metade do século XIX vive os efeitos da Revolução Industrial e do amplo progresso científico e tecnológico que a acompanham, tais como a substituição do ferro pelo aço e do vapor pela eletricidade; o desenvolvimento da maquinaria automática, dos transportes e da comunicação; o aprimoramento da estrada de ferro, as primeiras experiências com automóveis, etc. É uma época de progresso material, de benefícios econômicos para a burguesia industrial; contudo, o operariado vive um período de intensa crise e miséria. (CEREJA e MAGALHÃES, 2003, p. 243).

É necessário ressaltar que, nesse contexto, florescem ainda correntes e pensamentos filosóficos que germinaram no Iluminismo do século XVIII: o Realismo traz à luz ideias daquele período como o Positivismo, baseado no mundo físico, e que aceita, como único conhecimento válido, o científico; o Determinismo, que submete o comportamento humano a três elementos: meio, raça e momento histórico; por fim, o Darwinismo, que, através da perspectiva da teoria do Evolucionismo, postula a resistência dos mais fortes e a eliminação dos mais fracos. Percebe-se que, nessas teorias, predomina o materialismo.

O Realismo no Brasil

A escola realista tem como marco, no Brasil, a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, publicada em 1881, mostrando uma nova faceta desse estilo literário.

A situação econômica brasileira difere da europeia: na segunda metade do século XIX, o processo de industrialização ainda não tinha deslanchado nestas terras. Depende-se do sistema agrário representado, sobretudo, pelo plantio do café e da cana de açúcar. São os escravos que representam a força de trabalho. No entanto, políticos progressistas lançam ideias abolicionistas cujo primeiro efeito vitorioso é o decreto que põe fim ao tráfico de negros. Sem dúvida, essa postura contraria os conservadores, que se queixam da escassez de mão de obra em suas lavouras.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil enfrenta um cenário de crise. O fim do tráfico negreiro, em 1850, acelera a decadência da economia açucareira e cafeeira e anuncia a ruptura definitiva do regime escravocrata. O quadro é agravado quando o Brasil se envolve na Guerra do Paraguai. (ABAURRE e PONTARA, 2005, p.388).

Não há como falar em Realismo sem citar brevemente a história de vida de um dos autores brasileiros mais importantes do período, Joaquim Maria Machado de Assis, que se tornou ícone da literatura no Brasil. Muito cedo, torna-se órfão, sua vida não foi nada fácil, sofria ainda de gagueira e epilepsia – fatores que não interferiram na sua ascensão como um dos maiores escritores brasileiros.

Como romancista, publica em 1872 a obra *Ressurreição*, depois, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), narrativas pertencentes à primeira fase do autor, chamada por alguns estudiosos de romântica. Apesar de assim considerarem essa fase inicial de Machado de Assis, nessas obras citadas já surgem alguns traços realistas, como o humor, os cortes na narrativa, os monólogos interiores, a queda do maniqueísmo e a análise psicológica das personagens. Mas só em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que, de fato, o realismo machadiano se expõe de modo explícito, dando início à segunda fase de sua produção.

É a essa fase, chamada de realista, que pertencem os romances *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). O autor ainda publicou coletâneas de contos, gênero em que foi grande mestre, obras teatrais e poemas, embora esses dois últimos gêneros não tenham tido o mesmo relevo que o da narrativa. Nessas obras, a análise psicológica das personagens se aprofunda, a ironia e o humor negro constituem traços distintivos da prosa machadiana, mostrando pessimismo quanto às relações humanas. Essa descrença no ser humano se expressa através de discórdias, traições e adultério.

Os romances de aprendizagem de Machado de Assis contam histórias de amor e casamento. Os maduros concentram-se na falsidade da vida posterior ao casamento. A traição, de alguma forma, está presente em todos eles: nas *Memórias Póstumas*, ela aparece sob a forma de adultério; em *Quincas Borba*, sob a forma de chantagem com a promessa de adultério; em *Dom Casmurro*, sob a forma de suspeita de adultério; em *Esau e Jacó*, sob a forma de discórdia entre irmãos, que traem as esperanças da mãe; em *Memorial de Aires*, sob a forma da renovação da vida, que pretere os velhos em favor dos jovens. (TEIXEIRA, 1988, p. 64).

Em suas obras, Machado de Assis apresenta personagens complexos, recheados de aspectos instintivos e movidos pelo interesse material. Tanto nos romances quanto nos contos, ele faz a crítica ao comportamento humano, revelando a essência e a capacidade do homem de se moldar ao meio em que vive:

Essas narrativas são formulações de psicologia aplicada ou instrumentos de problematização da existência. O autor reinventa nelas aquilo que observa nas pessoas, procurando explorar, em profundidade, os componentes essenciais da ética, da moral e da psicologia. (TEIXEIRA, 1988, p. 57).

Para expressar a visão pessimista com relação ao homem, da qual já se tratou brevemente, Machado de Assis cria personagens capazes de derrubar, humilhar, oprimir e ferir uns aos outros para alcançarem o que desejam, o que normalmente se resume a dinheiro e poder. Essas atitudes se apresentam carregadas de ambiguidade, já que provêm de seres aparentemente íntegros e dignos, revelando como a aparência das personagens se mostra tão diferente da essência: gestos de aparente nobreza escondem a face cruel da vaidade, do egoísmo e do interesse mesquinho.

A literatura machadiana, temos visto, busca as causas secretas dos atos humanos, as quais nunca serão o amor, a compreensão ou a generosidade. Serão sempre o ódio, a incompreensão ou o interesse. Tal visão é chamada pessimismo e decorre de uma profunda descrença nos homens, pois Machado julgava que o egoísmo prepondera sobre o altruísmo, o mal sobre o bem. (TEIXEIRA, 1988, p. 68).

Há características formais marcantes no autor, como a interrupção da ordem na narrativa para dar espaço a digressões – nas quais, muitas vezes, o narrador dialoga com o leitor. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* seu defunto-autor é também o narrador, que denuncia, ironicamente, uma sociedade imoral, mas, como se trata de um defunto, a responsabilidade pelos temas abordados não recai sobre ninguém.

Através de uma breve contextualização a respeito do período literário e do estilo, foi possível observar que as obras de Machado de Assis adquirem caráter universal e atemporal. Percebe-se, ainda, que o realismo machadiano é singular, único.

Análise da personagem Fortunato

Conforme já se disse, o autor foi modelar na escritura de inúmeros contos considerados contemporâneos pela temática e pelo estilo breve e incisivo. Assim, escolheu-se o conto “A causa secreta” como *corpus* deste trabalho, privilegiando o modo como o autor construiu Fortunato, personagem central da trama, ser ficcional feito de palavras.

Neste item, finalmente, o objeto de estudo será o texto literário, concebido como o espaço em que, por meio de palavras, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo da ficção.(...) Assim sendo, é possível verificar que a idéia de reprodução e invenção de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio dos recursos de linguagem de que dispõe o autor.(BRAIT, 1999, p.18).

Esse conto foi publicado em 1885, no jornal *Gazeta de Notícias*, e passou a fazer parte da coletânea de contos *Várias Histórias* em 1896. A narrativa chama a atenção pelo cunho misterioso que permeia todo o seu desenvolvimento.

Para a construção da personagem Fortunato, acompanhar-se-á a evolução da narrativa: à medida que se desenvolve o conto, o leitor vai desvendando as motivações das atitudes estranhas de Fortunato.

O conto, narrado em 3ª pessoa, inicia-se *in media res*, porém, dispendo-se o relato dos fatos segundo a ordem cronológica, vê-se que Garcia, o médico recém-formado, conhece Fortunato de vista. Chama a atenção do médico a atitude inusitada de Fortunato durante a exibição de uma peça teatral.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecções e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele.

(MACHADO DE ASSIS, 2006, p.1).

Percebe-se que o escritor escolhe palavras fortes para descrever o tipo de drama representado: “dramalhão cosido a facadas”, “ouriçado de imprecções e remorsos”, “lances dolorosos”. Todo esse sofrimento detém a atenção de Fortunato, que frui a ação com “olhos que iam avidamente de um personagem a outro”. Garcia, no entanto, estranha a saída de Fortunato quando se inicia a farsa, peça mais leve e de cunho cômico. Segundo Beth Brait:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. (BRAIT, 1999, p.19).

A autora traz uma reflexão sobre as personagens, seres fictícios, construídos de palavras, isto é, a construção de um texto depende da escolha de elementos linguísticos para que se componha e crie o que o escritor pretende. No caso do personagem machadiano, Fortunato, atentar-se-á para a seleção lexical feita pelo autor para direcionar o leitor para o efeito pretendido.

(...) nesse momento, a escolha prende-se ao fato de estarmos interessados em verificar as estratégias que o autor utiliza para reinventar a realidade, transportando sua visão de mundo ao leitor e fazendo-o, por essa ilusão, reportar-se à chamada realidade. (BRAIT, 1999, p.19).

Ao longo do conto, Garcia e Fortunato começam a se encontrar esporadicamente. Até que um dia, Garcia depara-se com um homem muito ferido e, ao socorrê-lo, percebe que outro homem também está presente, querendo auxiliar nos procedimentos para salvar o ferido: é Fortunato coincidentemente.

O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dois saíram, ele e o estudante ficaram no quarto. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 1).

A escolha de termos como “friamente” e “gemia” mostram uma antítese: Fortunato, isento de compaixão, não se comove com o sofrimento alheio, mas o homem ferido geme, sofre. Ajudava solicitamente o médico sem envolver-se emocionalmente.

Após alguns dias, o ferido, já restabelecido, vai a Catumbi, à casa de Fortunato, para agradecer-lhe os cuidados.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constringido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfasiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 2).

Vê-se a atitude estranha de Fortunato diante de Gouvea, o ferido: parecia estar incomodado com os agradecimentos, “ouvia impaciente”, dando “resposta enfasiada”, tentando livrar-se da visita, agora, incômoda. Tal atitude fez com que Gouvea “no fim de dez minutos” se despedisse. Esse fato deixou Garcia curioso por desvendar o temperamento de Fortunato. Começa, então, a frequentar-lhe a casa.

Percebe, em suas visitas, apesar da gentileza de Fortunato, que “os olhos eram as mesmas chapas de estanho duras e frias”. Nota, ainda, que entre a esposa, Maria Luísa, e Fortunato “havia alguma dissonância de caracteres”, além disso, “da parte da mulher com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 3). Esses dois últimos substantivos conotam medo, submissão da esposa, o que desperta mais a curiosidade de Garcia sobre relações matrimoniais tão estranhas.

Fica evidente que as palavras utilizadas no texto, que constitui a realidade ficcional, mostram que “o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras.” (BRAIT, 1999, p.11).

Cria-se tanta intimidade entre o casal e o jovem médico, que Fortunato convida Garcia para ser seu sócio numa clínica de saúde. Após alguma resistência, este último aceita a sociedade, sobretudo porque vê chance de ascensão rápida na carreira de médico. Aberta a casa, Fortunato passou a ser o administrador.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 4).

Vê-se que a atitude de Fortunato é, no mínimo, interessante e, até mesmo, estranha: o autor nega a palavra “fortuito”, para evidenciar que a cena ali não se passava ao acaso, e ainda diz que “via-o servir como nenhum dos fâmulos”, que significa “serviçal”, remetendo à intenção de Fortunato, que pode ser entendida, talvez, como ato de extrema bondade e amor ao próximo.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 5).

Fortunato, nas “horas vagas”, portanto de lazer, o que conota atitude prazerosa, ocupava-se em “rasgar” e “envenenar” animais. Os dois verbos utilizados pelo autor indicam ações depreciativas, distantes do vocabulário científico (dissecar). Além disso, “os guinchos dos animais” revelam que tudo era feito fora da ética da pesquisa: sem anestésicos, sem amparo legal e sem amor à pesquisa. Assim, a seleção lexical foi feita pelo autor com o intuito de revelar a crueldade de Fortunato para com os animais e, ainda, para com a esposa “de compleição nervosa”. Agora, o excerto apresenta índices que não se referem mais à dedicação ou generosidade.

As personagens, ainda que focadas por um narrador em terceira pessoa, recebem um certo número de qualificações e, ao mesmo tempo, desnudam o seu fazer através de índices que contribuem para a sua função no decorrer da intriga, do suspense, e permitem a decifração da simbologia social que elas encerram. (BRAIT, 1999, p.58).

Ao caminhar pelas linhas do conto machadiano, é possível perceber como a construção da personagem Fortunato se faz de forma sutil e, ao mesmo tempo, explícita.

“Dois dias depois”, Garcia foi jantar na casa do casal e, ao chegar, percebeu o nervosismo de Maria Luísa. Entrou no gabinete de Fortunato e deparou-se com a seguinte cena:

O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 6).

Constata-se, agora, o perfil comportamental da personagem, construído através da escolha de palavras fortes e extremamente significativas, revelando atitudes de sofrimento intenso imposto ao animal, o que desperta em Fortunato “sorriso único”, “reflexo de alma satisfeita”, “delícia íntima das sensações supremas”, satisfazendo seu ego manipulador e doentio. As palavras escolhidas estabelecem o nexos de causa e efeito: mais dor, mais prazer. Essa crueldade com o rato explica o título do conto, “A causa secreta”, inteirando o leitor do desvio psíquico de Fortunato, a crueldade, o sadismo, que consiste no prazer diante do sofrimento alheio.

Beth Brait traz em seu livro uma nomenclatura a respeito de personagens, incluindo-as em categorias como planas e redondas, conforme classificação feita pelo estudioso Forster.

(...) as personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser classificadas como planas ou redondas. As personagens planas são constituídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa de forma que as suas ações apenas confirmem impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. (BRAIT, 1999, p.41).

As personagens redondas são mais complexas, apresentam vários atributos ao mesmo tempo e também são dinâmicas e multifacetadas, de modo que constituem imagens totais e particulares do ser humano.

Em se tratando da personagem central analisada, Fortunato, é possível perceber que não seria uma personagem tão complexa, podendo, assim, ser classificado como personagem plana, com evolução para redonda. Analisa-se, desse modo, pois Fortunato, apesar de não apresentar tantos atributos, provoca surpresa no leitor, que o toma, a princípio, por altruísta.

Segundo Brait, as personagens planas podem ser subdivididas em tipos ou caricaturas, dependendo da dimensão que o autor quer dar a elas.

Essa espécie de personagem pode ainda ser subdividida em tipo e caricatura, dependendo da dimensão arquitetada pelo escritor. — São classificadas como tipo aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação (...) Quando a qualidade ou idéia única é levada ao extremo, geralmente a serviço da sátira, a personagem passa a ser uma caricatura. (1999, p.41).

Conforme essa subdivisão das personagens planas, pode-se dizer que Fortunato é um tipo ou o típico sádico, apesar de essa classificação ser empobrecedora, já que Fortunato é capaz de surpreender o leitor: conforme seu perfil vai sendo construído ao longo do conto, os leitores boquiabertos, talvez até inconscientemente, tentem dar “mais uma chance” para ele, achando que seu comportamento poderá modificar-se até o final da história.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 6).

Acima, dispôs-se a cena final da tortura do rato para, ainda, evidenciar-se a construção do texto, que determina o prazer depravado da personagem: “tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo”, “a audição de uma bela sonata”.

Garcia assiste a essa cena horrorizado, sem ser notado por Fortunato, porém, quando este percebe que o amigo presenciou toda a cena de sadismo, tenta disfarçar, dizendo que o rato lhe roera um papel importante. Garcia, então, conclui que a personalidade do torturador é doentia: “Castiga sem raiva pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia pode lhe dar: é o segredo deste homem. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 6).

O médico passa a sentir piedade de Maria Luísa e, ao mesmo tempo, dá-se conta de que também devota amor a ela. Preocupa-se com a saúde da moça, que começa a emagrecer e apresentar tosse severa. Descobre-se que ela está tuberculosa, mas nenhum tratamento surtia efeito, apesar de Fortunato mostrar-se solícito e sempre presente ao lado da esposa.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjuguou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lhos pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 7)

Percebe-se que a tendência naturalista permeia todo o conto, tornando-se mais evidente no excerto acima: “olho baço e frio”, “decomposição lenta e dolorosa da vida”, “devorada de febre e minada de morte”. Apesar de a narrativa ter como foco a burguesia, os traços mórbidos, doentios remetem ao campo semântico do Naturalismo.

Maria Luísa vai definhando nos braços do marido que não a abandona, mas o que se pode inferir é que esse zelo de Fortunato é mais uma de suas satisfações sádicas diante do sofrimento do outro. Já Garcia sofre calado ao ver o final trágico da amada para quem nunca se declarou por respeitar a amizade a Fortunato.

No velório de Maria Luísa, o marido presencia um beijo de Garcia no cadáver da esposa.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 7).

Fortunato, sem ser visto, sente seu derradeiro prazer pelo sofrimento alheio. As lágrimas de Garcia fazem com que o viúvo “saboreie tranquilo essa explosão de dor moral” do amigo. Machado de Assis finaliza o conto de modo irônico: o que deveria despertar ciúmes, já que o beijo poderia remeter a um possível adultério, ao contrário, desencadeia, na mente doentia de Fortunato, delícia “longa”, adjetivo reiterado três vezes. Pode-se dizer que, no desenlace, o rato torturado com prazer passa a ser Garcia.

Desse modo, o autor realista constrói artisticamente, através de narrativa bem engendrada pela escolha lexical, personagem em que predomina o temperamento sádico, mostrando um viés patológico da natureza humana.

E é durante a segunda metade do século XIX que o gênero alcança seu apogeu, refinando-se enquanto escritura e articulando as experiências humanas mais diversificadas. Aos realistas e naturalistas coube perseguir a exatidão dos estudos científicos dos temperamentos e dos meios sociais. (BRAIT, 1999, p.38).

Considerações finais

Sem cair no exagero do cientificismo da época, Machado de Assis construiu personagem intrigante que, aos poucos, o leitor vai desvendando: no início do conto, imagina-se um ser prestativo; depois, descobre-se a “causa secreta” dessa dedicação que, ironicamente, traduz-se num distúrbio psíquico, o sadismo. Sem dúvida, o binômio essência e aparência surge no conto confirmando uma das tônicas das narrativas machadianas, além da discussão sobre o limite da sanidade mental e da loucura já analisado em *O Alienista*.

Fortunato não morreu como sucede com as pessoas, mas eternizou-se no conto como ser ficcional, isto é, como personagem construída com recursos de seleção e combinação de palavras.

Referências bibliográficas

ABAURRE M. L., PONTARA M. **Literatura Brasileira: Tempos, Leitores e Leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 7ed.. São Paulo: Ática, 1999.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHAES, Thereza Cochar. **Português: Linguagem**.
Volume Único. 1º ed. - São Paulo: Atual, 2003.

MACHADO DE ASSIS. **A causa Secreta**. 1 ed. São Paulo: Escala, 2006.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes,
1988.